



A família Bourroul marca presença no Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo desde sua fundação. Acima, retrato do Dr. Estevão Leão Bourroul, um dos fundadores. Abaixo, o Memorial '32, instalado nas dependências do Instituto com o acervo do Dr. José Celestino Bourroul, graças a sua esposa D. Cárbia Sabatel Bourroul.



III – DISCURSOS – TRANSCRIÇÕES – RESENHAS

FRANCESES DESTACADOS: GARRAUX, GAZEAU, DUCHEN E OS BOURROUL EM PIRATININGA

DUÍLIO CRISPIM FARINA
(sócio emérito do IHGSP, falecido em 2003)

Benedito Calixto, em iconografia preciosa, pintou o prédio mais antigo em que se sediou a Casa Garraux. Início da então rua da Imperatriz, mais tarde 15 de Novembro, junto ao largo da Sé. O quadro a espelhar os contornos do ainda colonial largo nos mostra a Sé defronte à loja do velho Garraux, tendo ao fundo a igreja de S. Pedro dos Clérigos. Ponto de viaturas de aluguel, cales e tálburis. Ano de 1865.

Cinquenta anos mais tarde, a livraria pioneira mudara-se para a mesma via próxima à travessa do Comércio. O velho francês, já tradição paulistana, desaparecera, legando-nos a célebre “*Bibliographie Brésilienne*”. Novos proprietários e entre eles o francês Thiollier, progenitor do acadêmico René Thiollier, mecenas e morgado da Vila Fortunata, recanto de bem receber, anfitrião destacado do antigo São Paulo, ao lado de Veridiana Prado, Olivia Guedes Penteado e do morgado da Vila Kyrial, senador e acadêmico das letras José de Freitas Vale.

A Casa Garraux, especialista em obras do idioma de França, não era só livraria, possuía também seção de papelaria, livros em branco, objetos de escritório, misto de magazine e bazar, caráter com que fora fundada nos meados do século passado. Estantes cheias de livros, balcões pródigos em revistas (*L'Illustration*, *Connaissance des Arts*), brochuras do *Mercure de France* e da *Flammarion*. Neste século, Anatole France, Flaubert, Pierre Loti, Alphonse Daudet, André Gide, e mais tarde André Malraux e Germain Bazin, este escritor-pontífice do Aleijadinho.

Vinhos capitosos da Borgonha e Provence, Bordéus e Rhone, eram também lá encontrados; *marron-glacés*, guloseimas, *patés* enchiam prateleiras.

Influxos positivos desde cedo a apontarem os liames franco-brasileiros.

Essa tradicional livraria mereceu referências saudosas de Batista Cepelos, Júlio Prestes, René Thiollier, Brito Broca, Menotti del Picchia, em memórias dos “bons tempos”, dias caros às suas lembranças de homens como Altamiro, o Rosa e o gerente José Olympio, futuro grande editor. Local de encontro de escritores e intelectuais com Augusto Frederico Schmidt, Jaime Adour da Câmara, Brito Broca, Casper Líbero, Martins Fontes.

O velho Garraux deixou-nos obra magna: *Bibliographie Brésilienne (Catalogue des Ouvrages Français & Latins Relatifs au Brésil 1500-1898)*. No século passado frequentes frequentadores foram o grande músico Gabriel Giraudon, Henrique Luis Levy e seus descendentes, fundadores do Clube Haydn, responsáveis por muito do desenvolvimento da vida musical paulista.

* * *

A Casa Gazeau, também pioneira como “sebo”, no dizer de hoje alfarrabista, tornou-se o maior de São Paulo nos anos vinte. Vinha da virada do século. Decantaram-no em páginas exatas Rubens Borba de Moraes e Brito Broca.

O poeta Corrêa Junior fixou-o em estrofes jocosas. Gerações e gerações por lá passaram e adquiriam tomos de todas as variantes. Na crônica “*Na cidade dos livros*” publicada na *A Gazeta*, São Paulo, na seção “*Vida Literária*”, o saudoso filho de Guaratinguetá, Brito Broca, autor do belo tomo “*A vida literária no Brasil – 1900*”, deixou oportunos registros do livreiro Gazeau.

Ele descreve-o instalado num vistoso prédio de sete ou oito andares, no Largo da Sé. O edifício fora construído pelo francês Gazeau com os lucros que a livraria lhe dera. O que levou, nos diz Broca, certa vez, um dos seus amigos a observar, medindo a altura do edifício: “*e dizem que sebo não tem consistência...*”

Nesse tempo, anos vinte, o Gazeau seria um homem de pouco mais de cinquenta anos, de cabeça e bigodes quase inteiramente brancos. Falava o português perfeitamente, embora com ligeiro sotaque. Ao seu lado outro senhor mais idoso e mais encanecido, de óculos, sócio e irmão de Gazeau.

O recinto coberto de livros até o teto, amontoados ainda pelo chão. Andava-se entre eles com dificuldade, mas a parte principal enchia um subterrâneo que se estendia em várias galerias, abarrotadas de volumes e onde havia clara-



boias, dando para a calçada da Praça da Sé.

Brito Broca é elucidativo: *“quem quisesse descobrir raridades, fazer achados maravilhosos, devia descer a escada que conduzia ao subterrâneo e se dispor a consumir ali longo tempo, ora agachado a examinar as estantes mais baixas, ora a equilibrar-se numa escada não muito segura, a vasculhar as prateleiras superiores, onde inesperadamente podia se dar a descoberta preciosa. E no mais não rezear a poeira, os micróbios, os resfriados. Para lavar as mãos havia uma pia num canto!”*

Para Gazeau qualquer livro era classificado como livro usado. Valorizava ele os tomos de acordo com sua procura. Assim, segundo reafirmam Borba de Moraes e outros bibliófilos, foi sempre possível adquirir preciosidades por pequenas quantias.

O autor desta crônica também frequentou o éden livresco encontrando um Gazeau mais que grisalho, encanecido, cabeleira branca, guarda-pó amarelo. Conviveu com Gazeau Filho, magro, parco de carnes, inquieto, mas lhano e atencioso. Nos dias de hoje uma neta responde pelo nome tradicional, na mesma seara.

Um de seus colaboradores, quando do desaparecer do velho antiquário abriu a livraria Riachuelo e durante trinta anos, até falecer, continuou na faina do compra e vende, sempre com um guarda-pó cinzento. Dele adquirimos raridades da Brasileira e Paulística. Foi digno continuador do mestre Gazeau.

* * *

Spencer Vampré referiu-se aos pioneiros do comércio francês e *“introdutores do bom gosto da cidade, Estevão e Celestino Bourroul”*.

De abril de 1826 a abril de 1829 o audaz explorador Dumont d’Urville, com a corveta real l’Astrolabe, na mui famosa viagem de circunavegação e descoberta nos mares do Sul, teve como companheiro Etienne Bourroul, filho de Nice.

Etienne Bourroul veio, o primeiro da família, para o Brasil em 1836, mais ou menos. Após ele o seu irmão Celestino. Em terceiro lugar o mais moço, Camilo. Etienne regressou para a França em 1840 e lá ficou. Fundara com capitais próprios uma loja de fazendas e modas na rua do Rosário, mais tarde da Imperatriz (hoje 15 de Novembro), nesta capital sucedido em sua

direção pelo mano Celestino. De sua viagem de circunavegação deixou uma relação, escrita em francês (e que foi de posse de Estevão Leão Bourroul) intitulada *“Mémoire du voyage de découverte dans les mers océaniques et autres, fait par la corvette du Roy L’Astrolabe, Commandée par le capitaine de frégate Dumont Durville”*.

A loja de Celestino Bourroul em 1873 era o centro das sumidades literárias e políticas, lentes, deputados, cônegos, figuras de escol do burgo provinciano, a sair de suas feições coloniais, com o incremento da evolução da Academia de Direito de São Paulo.

Martim Francisco aí encontrou Hércules Florence, em tertúlias empáticas, nesse verdadeiro salão intelectual, ao lado de Estevão Bourroul, Gavião Peixoto, Aguiar de Andrade e Paulo do Vale.

Desse núcleo familiar de manejaadores, cultuadores do bom gosto, saíram figuras como Estevão Leão Bourroul, fundador do Instituto Histórico de São Paulo, ao lado de Domingos Nogueira Jaguaribe e Antonio de Toledo Piza. José Maria Bourroul, membro da progênie destacada, iniciou seu curso em 1880 nos Cursos Jurídicos, de São Francisco, com vitoriosa carreira na magistratura. Camilo Bourroul, químico-farmacêutico por Turim, colaborou para a iluminação pública da cidade em 1861. O doutor Paulo Bourroul, na direção da Escola Normal de São Paulo, vai executar sonhos e projeções do grande médico e educador Caetano de Campos.

O filho de Paulo Bourroul será o mestre insigne de medicina Prof. Celestino Bourroul (1880-1958), regente das cadeiras de História Natural Médica, sucessor do sábio Émile Brumpt da Faculdade de Medicina de Paris e que em tempo curto aqui passado na casa de Arnaldo (Faculdade de Medicina e Cirurgia de São Paulo) delinea as diretrizes básicas do curso de Parasitologia, logo obrigado a partir após a irrupção da primeira Conflagração Mundial com o fito de servir sua pátria.

O Prof. Celestino Bourroul recebe e engrandece a disciplina, e em 1928 vai assumir a cátedra de Moléstias Tropicais e Infectuosas. Seu magistério foi um apostolado e ele era um “santo leigo”.

O mestre deixou, entre outros, três doutos filhos, os doutores em Medicina Geraldo e Celestino Júnior, galardoados pela ciência e bondade, atributos



essenciais do excelente facultativo. O terceiro, o insigne engenheiro José Celestino Bourroul, com trajetória marcante na Prefeitura de São Paulo ao lado de Prestes Maia e os alcaides seguintes, discípulo do mestre Cristiano Stockler das Neves. Bibliófilo distinto, colecionador dos cimélios da Pátria estremecida e de São Paulo que tanto ama, peças da imaginária, da talha, da ourivesaria, mobiliário, louça brasonada, exemplares do mestre Valentim, possuidor da maior paulística referente à Revolução Constitucionalista de 1932 com mais de 4.000 exemplares, um dos mais eruditos colecionadores de Arte e da História Brasileira e de Piratininga. Distingue-se ao lado de José Mariano Filho, Otales Marcondes, João Marino, Armando de Arruda Camargo, Eldino Brancante. Em suas veias corre o sangue generoso de Lucas Antônio Monteiro de Barros, Visconde de Congonhas do Campo, benfeitor da Misericórdia Paulistana como esse seu ancestral.

* * *

Aos velhos paulistanos com emoção soa o nome de Duchen, Casa Duchen, a fina e diferenciada mercearia requintada.

Duchen veio se somar aos Bourroul e Garraux, nomes que ensinaram a moda e o bom gosto, contribuindo para o requinte e as boas maneiras. Neste século, à rua de São Bento, primeiro quarteirão a partir do Mosteiro, a casa Duchen era centro de atração para os *gourmets* e famílias de bom gosto. Notável pelas importações de gêneros alimentícios da Europa, e em especial da França. Afamado pelos biscoitos, de sua fabricação (amanditas, biscoitos *champagne, marie, petit-fours* etc.), e pelos *patés*, salmões (do Canadá, Astúrias, Marcea e Sella), trufas, atuns, caviar (ovas de esturjões), fiambres, paios e outros embutidos. Os vinhos Bordeaux, Borgonhas, da Provence, Piemonte, eram regalos para os conhecedores de guloseimas, de bom trato e sensibilidade. Ficou a marcar um período alto e a demarcar gostos e tendências de um tempo desaparecido com os lustros de novos horizontes.

[transcrição do "Boletim da Academia Paulista de História", ano XII, número 59, abril 1999]